O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA HIPERMODERNIDADE: Entrelaces, rupturas e reconfigurações

SANTOS, Thalisson Pereira dos [1]

RESUMO: O estudo analisa as transformações no ensino de língua portuguesa e das literaturas causadas pela hipermodernidade na educação básica, a partir das ideias de Gilles Lipovetsky (2004). O objetivo é investigar como os modos de vida hipermodernos impactam as práticas pedagógicas, currículos e identidades dos alunos. Na pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa, com análise bibliográfica das obras de Lipovetsky e outros autores como Osmar Moreira (2016) e Stuart Hall (2006). Também foram analisados os documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para compreender as implicações dessas dinâmicas na educação. As análises indicaram que o ensino de língua portuguesa deve se adaptar às novas realidades digitais e sociais, com ênfase na valorização das variações linguísticas e na reflexão sobre questões como racismo e sexismo. A hipermodernidade exige que os professores se atualizem constantemente e utilizem ferramentas tecnológicas para engajar os alunos. Conclui-se que a educação precisa ser reconfigurada para promover uma abordagem mais inclusiva e crítica, que prepare os estudantes para os desafios da sociedade contemporânea, tornando o ensino de língua portuguesa um espaço de contestação e transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO; IMPACTO; TRANSFORMAÇÃO.

ABSTRACT: The study analyzes the transformations in the teaching of Portuguese language and literature caused by hypermodernity in basic education, based on the ideas of Gilles Lipovetsky (2004). The objective is to investigate how hypermodern ways of life impact pedagogical practices, curricula and student identities. In the research, a qualitative approach was adopted, with bibliographic analysis of the works of Lipovetsky and other authors such as Osmar Moreira (2016) and Stuart Hall (2006). Documents from the National Common Curricular Base (BNCC) were also analyzed to understand the implications of these dynamics in education. The analyzes indicated that Portuguese language teaching must adapt to new digital and social realities, with an emphasis on valuing linguistic variations and reflecting on issues such as racism and sexism. Hypermodernity requires teachers to constantly update themselves and use technological tools to engage students. It is concluded that education needs to be reconfigured to promote a more inclusive and critical approach, which prepares students for the challenges of contemporary society, making Portuguese language teaching a space for contestation and social transformation.

KEYWORDS: TEACHING; IMPACT; TRANSFORMATION.

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagens (PPGEL)- UNEB (Campus I - Salvador). E-mail: thalissonuneb@gmail,com.

1 INTRODUÇÃO

O sociólogo francês Gilles Lipovetsky (2004), salienta que estamos vivenciando a hipermodernidade, uma era marcada pela hiperconectividade, hiperconsumismo, hiperindividualismo, algo para além do que é ser pós-moderno, sendo um dos pontos de ruptura entre um período e o outro, o "exagero do exagero" do modo de vida hipermoderno. Tais transformações são visíveis e sublinhadas pela brusca aceleração do tempo e fragmentações identitárias. Nesse contexto, a maioria dos sujeitos possuem perfis comportamentais com tendências ao narcisismo e ao hedonismo. Este fenômeno reverbera em profundas transformações, como na forma ao qual os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo. Isso afeta os padrões estéticos e de valores, resultando em interferências diretas nos diversos âmbitos socias, como a política, a cultura e a educação. Esta última área citada, é a seara sobre a qual nos debruçaremos, com o recorte, especificamente, focado no ensino de Língua Portuguesa e Literaturas na educação básica dentro dessa complexa dinâmica do mundo hipermoderno.

A educação no Brasil sempre foi pauta de discussões acaloradas. Sabe-se que a construção e o desenvolvimento do nosso país foram marcados por diversos fatores que impossibilitaram uma sociedade justa, seja devido à descriminação decorrente do contexto histórico brasileiro ou à manutenção que o extremo sistema capitalista tem preconizado, que intensificou lacunas sociais. No tocante ao ensino de Língua Portuguesa e Literaturas nos anos finais do fundamental e no ensino médio, a situação, ao decorrer do tempo, tornou-se ainda mais complexa. Grande parte dos alunos não se interessa em aprender a sua língua materna, acham desnecessários parte dos conteúdos ensinados nas aulas, veem a literatura como entediante e não conseguem ou tem dificuldade em fazer associações plausíveis e convincentes com a sua realidade. Além disso, utilizam indiscriminadamente os aparelhos celulares durante as aulas, limitando de forma preocupante o futuro não só no âmbito da educação, mas todos os âmbitos do país, pois é através da linguagem que todo o mundo foi pensado, elaborado e tem caminhado, sendo as aulas de Língua Portuguesa e Literaturas um

dos principais meios onde é aguçado o senso crítico, as inúmeras formas de leituras e de interpretação para uma convivência social saudável.

Mas, cabe algumas perguntas: Até onde esses alunos estão certos ou errados? Será que os problemas centram-se exclusivamente nesta geração de discentes atuais? Os docentes e suas práticas, órgãos públicos, população, sistemas operantes, qual a sua fatia de participação em todo esse processo? Como garantir inovação, inclusão e qualidade no ensino, principalmente no ensino/aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa e Literaturas na educação básica? E mais, como refletir, questionar e/ou subverter esse panorama à luz das complexas dinâmicas hipermodernas?

O estudo justifica-se pela necessidade urgente de compreender o impacto da hipermodernidade no ensino de Língua Portuguesa e Literaturas no Brasil na educação básica, especialmente diante da desconexão dos discentes com a sua língua materna. O objetivo é refletir sobre como os modos de vida hipermoderno descritos por Lipovetsky impactam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. A análise buscará, especificamente, compreender como tais transformações repercutem nas práticas pedagógicas, na estruturação dos currículos e na formação das identidades culturais e sociais dos educandos; verificar como a hipermodernidade contribui para uma remodelação do ensino de língua portuguesa e colaborar para o debate sobre as novas demandas e desafios que se impõem na contemporaneidade. A pesquisa intenta responder à seguinte pergunta problematizadora: De que forma a hipermodernidade impacta as práticas pedagógicas e afeta a construção das identidades dos alunos e a sua relação com a língua portuguesa e literaturas no Brasil?

2 METODOLOGIA

Este estudo tem como base o eixo qualitativo e se fundamenta em uma abordagem de cunho bibliográfico. O objeto de análise desta pesquisa é a interface entre as dinâmicas da hipermodernidade, as práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa e Literaturas na educação básica no Brasil atualmente. A pesquisa concentra-se na análise crítica da influência dos modos de vida hipermodernos sobre a educação básica, com foco nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literaturas,

contribuindo para a compreensão dos desafios, os trâmites e métodos de fuga desse cenário educacional contemporâneo.

As análises foram realizadas a partir de um trajeto metodológico pré-definido: Primeiramente, foi feita a leitura crítica e minuciosa da obra “Tempos Hipermodernos” (2004), de Gilles Lipovetsky, onde é desenvolvida a sua teoria referente a hipermodernidade. Por conseguinte, foram realizadas leituras de diversos estudiosos das mais variadas áreas, que contemplassem a nossa discussão, à nível de exemplo, questões culturais, o ensino de língua portuguesa na contemporaneidade, lutas de classe e de gênero. Autores como Djamila Ribeiro (2018), Osmar Moreira (2016), Stuart Hall (2016), Paulo Freire (2010), entre outros, foram lidos. Na sequência, foi feita a análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com enfoque nos trechos que tratam sobre o ensino de Língua Portuguesa e Literaturas.

Após a leitura, foi feito o cruzamento das informações. Foram criadas pontes de diálogos entre as ideias do sociólogo francês e as argumentações dos estudiosos lidos, observando-se os fatos que iam de ou ao encontro dessas ideais. Em seguida, com o olhar extremamente embasado, foi feito um mapeamento dos trechos que a BNCC cita questões no tocante ao ensino de Língua Portuguesa e Literaturas e também foi feita uma conversação com as ideias da hipermodernidade e dos argumentos dos estudiosos lidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gilles Deleuze e Félix Guattari, em “Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia” (1995), apontam que há um rizoma entre todos os setores da vida. Nesse cenário, onde todas as coisas estão ligadas, o ensino de Língua Portuguesa e Literaturas, bem como os docentes dessas áreas no Brasil, esbarram num campo minado, polarizado, especialmente após o período pós-pandemia do coronavírus e das eleições presidenciais de 2022. Docentes e discentes atuais, nesse emaranhado, vivem no mundo hipermoderno e também estão imersos nesse estilo de vida. Os alunos, talvez

os mais afetados por essa realidade, em sua grande maioria jovens, estão na construção de sua identidade, totalmente ligados às mídias digitais e às redes sociais, acompanhando seus ídolos em uma vida de hiperconsumo e exposição extrema, vendo neles fontes de inspiração. Mais do que isso, diversas personalidades que sequer concluíram o ensino fundamental I, mas que ainda assim conseguiram se tornar milionárias, exibem, influenciam e até mesmo criam cursos sobre como obter êxito e chegar ao patamar que atingiram.

Isso não significa necessariamente que os alunos, ao acompanharem determinados influenciadores que gozam desse estilo de vida abandonarão a escola e seguirão o mesmo caminho, o fato é que este mundo em sua multiplicidade não é abordado nas aulas de Português. É justamente aí que eles não se sentem pertencentes, pois essa realidade é atrativa e sonhada por muitos deles. Eles projetam e reverberam suas expectativas, falas, comportamento e linguagens nesses indivíduos. Hall (2016), contribui ao evidenciar que vivemos na eterna remodelação identitária, busca por pertencimento e aprovação. Bombardeados de informações e modos de comportamento nas redes digitais, os discentes são os mais afetados por esses deslocamentos, almejando se adaptar às tendências do momento, trazendo essas vivências para as salas de aula e para as interações com os professores.

Essa rede rizomática, que vai se formando, mexe totalmente com a subjetividade, gerando inéditas criações de narrativas. Todavia, ainda há o rigor no imaginário de inúmeros educadores quando se trata do contexto educacional atual e a sua renovação. A variação linguística, por exemplo, apesar de ser debatida há bastante tempo, na prática, às vezes, não é considerada. Em muitas aulas de Língua Portuguesa e Literaturas, o desvio da norma culta é visto como um erro. A linguagem digital também não é levada em consideração ou sequer é citada, exceto quando se frisa que não se pode utilizar abreviações no Enem e nas atividades avaliativas. Em contrapartida, as inúmeras flexões verbais e palavras extremamente cultas, das quais grande parte dos alunos e até mesmo os professores não fazem uso no seu cotidiano fora do ambiente escolar, são cobradas sem qualquer compromisso com a realidade social dos sujeitos, sendo ensinadas apenas visando os vestibulares e concursos

públicos, esquecendo-se das suas funções sociais mais profundas, como combate ao racismo linguístico e ao preconceito linguístico.

Contudo, isso não significa que o a gramática normativa não deva ser ensinada. O que se questiona é o preconceito e a exclusão das variedades advindas dos meios digitais e das zonas de convívio desses alunos, e como fazer isso de modo pedagógico, tendo em vista a desvalorização das multiplicidades em detrimento das normas. A utilização das letras de músicas que são vistas por uma parcela da população como de baixo calão, as tendências linguísticas e modos comportamentais que também não são bem avaliadas, mas que os alunos consomem, acham interessante, fazem parte da realidade deles - e de uma enorme fatia da sociedade, são interessantes exemplos do que deveria ser considerado e explorado pelos docentes em suas práticas pedagógicas. Esses elementos podem ser utilizados como temas de redação (no tocante ao que é cultura, modernidade líquida, variações linguísticas, classes sociais), gerando discussões que envolvam o contexto histórico e, consequentemente, letramentos, interpretação e reflexões críticas que acoplam as realidades dos estudantes.

Paulo Freire (1987) já enfatizava a importância de considerar a realidade do aluno para um êxito educacional. Utilizar a literatura negra e a indígena para um letramento racial e étnico nas aulas de português/literatura, por exemplo, é uma prática relevante. Infelizmente, muitos discentes ainda acham que o racismo somente se manifesta por meio de xingamentos explícitos ou agressões físicas, sem saber identificar o racismo estrutural, seja nos memes de internet, nos comentários de seus colegas de bairro ou até mesmo no ambiente escolar. É nas aulas de Língua Portuguesa e Literaturas, que são concedidos artifícios lógicos, contextualizados, para que os discentes estejam munidos para lidar com as intensificações raciais, sexistas e das lutas de classe na hipermodernidade.

Todavia, a ampliação dos modos de vida hipermoderno deixou muitos professores, especialmente os mais antigos, sem saber o que fazer. Hoje, os alunos já não copiam do quadro, mas tiram fotos dos exercícios, ou seja, substituindo o caderno pelo celular. As atividades em questão de segundos são respondidas pelas inteligências artificiais (IA), e os livros das bibliotecas, assim, vão dando espaço para os *PDFs* e sítios virtuais.

Ignorar essa realidade ou vê-la como vilã abre precedentes para uma grande lacuna, ver nosso período atual sob uma ótica maniqueísta e imutável. O melhor caminho para os professores de Língua Portuguesa e Literaturas, é elaborar suas práticas pedagógicas incluindo algumas vertentes em suas aulas, como a utilização das redes sociais como ferramenta de leitura, interpretação e letramento; usar as IAs como meio de correção e reforço de conteúdo; enfim, ter ciência de que estamos na era hipermoderna, que a evolução vai continuar, e que os professores, assim como qualquer profissão, precisa atualizar seus métodos, usar as ferramentas tecnológicas ao seu favor e arquitetar qual a melhor maneira de pôr em prática, em diálogo com a realidade de cada turma e visando as múltiplas realidades para além das paredes da escolas.

O trabalho com a palavra, com a leitura e a interpretação não se centram apenas nas linhas do caderno, nas folhas dos livros didáticos ou à lousa. Osmar Moreira (2016) evidencia que o trabalho linguístico-literário pode causar a mudança, fugindo do extremo da luta armada, pois gera violência, a da passividade, que gera acomodação. O autor faz um convite para a um esvaziamento de signo, questionamentos, reflexões críticas visíveis e urgentes, e a inclusão de pautas sociais nas aulas de português/literatura, visando uma revolução.

O tempo hipermoderno não permite neutralidade. Ou os professores acompanham, se atualizam e tentam obter artifícios para lidar de frente com este cenário, ou ficam para trás no mercado de trabalho, na comunicação e nas relações sociais, ou seja, tornam-se desatualizados. O professor precisa entender as transformações que impactam essas linguagens, as comunicações, o consumo de cultura deste tempo e elaborar formas de como o conhecimento será transmitido, para o desenvolvimento eficaz com os seus alunos, para que haja trocas construtivas.

Freire (2008) sempre defendeu que a educação deve partir da realidade do aluno, valorizando seus saberes e experiências, para que a linguagem se torne um meio de emancipação e de contestação das estruturas de poder. Como já supracitado, o racismo pode e deve ser debatido na aula de português; a literatura contemporânea tem que ser levada para as aulas, assim como a literatura negra, LGBTQIPN+, a diversidade, pois é clara representação do Brasil e um dos pontos da

hipermodernidade. Deleuze e Guattari, em sua obra “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia” (1995), oferecem, ainda, uma reflexão que rompe com a linearidade e a hierarquia do conhecimento, argumentando a ideia de uma educação rizomática, onde múltiplas linguagens e saberes circulam de forma não hierarquizada. Essa visão possibilita repensar o ensino da Língua portuguesa e Literaturas para além dos limites da gramática normativa e da estética literária tradicional, valorizando a capacidade da linguagem de articular discursos que contestam e transformam a realidade.

A realidade é que, a hipermodernidade, com a sua alta produção de conteúdo, itens, informação, modo comportamental e identitário, não deve ser vista apenas sob a ótica maléfica, mas deve-se levar em consideração as praticidades que este novo trajeto tem proporcionado. As inúmeras pós-graduações à distância ofertadas pelos centros de ensino que oportunizam os professores de língua portuguesa e literaturas a se capacitarem, se letrarem digitalmente, a adquirirem bagagem teórica e prática que possibilite inovações e um relacionamento saudável com essa realidade, principalmente tendo em vista a intensificação deste cenário para um futuro próximo; participação em eventos e congressos online; trocas interativas com outros docentes das mais diversas partes do mundo, dentre outras possibilidades, que devido aos avanços de vida hipermoderna, o profissional linguístico pode usufruir.

Lidar com este mundo de ofertas e diversidade é o que propõe a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Nela, há orientações para que haja a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade, aptos a subverter, a transformar positivamente o mundo. Entretanto, isso só é possível, se os professores forem os primeiros a obterem essa consciência, estudando os aspectos da hipermodernidade: como os sujeitos dessa era se comportam, quais são as novas exigências do mercado de trabalho e do meio acadêmico atual e se elas são justas, o que deve ser aproveitado e descartado da velha didática, bem como os elementos e combinações que ficaram obsoletas no ensino de Língua portuguesa e Literaturas.

A preocupação nesse momento deve estar voltada para a criação de redes que proporcionem uma escuta ativa, permitindo que pais, alunos e professores dialoguem e expressem suas visões de forma respeitável, é um bom início. Muitos pais, por já terem se formado há muitas décadas, ainda carregam consigo a concepção de ensino

que tiveram, mas é necessário que eles entendam as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, e que são necessárias, faz parte do processo educacional. O ensino de Português e Literaturas hoje emerge de uma combinação de elementos que desafiam o modelo tradicional de ensino que antes era visto como superior, e exige reconfigurações dos currículos e das práticas pedagógicas que contemplem as novas dinâmicas sociais e culturais.

Os alunos precisam ter em mente a importância de dominar o campo linguístico-literário num mundo tão concorrido e desigual, pois os espaços, até mesmo os simbólicos e subjetivos, exigirão uma comunicação estritamente assertiva, habilidades plurais de conexões multidisciplinares e criatividade acelerada. Os professores necessitam desse choque de realidade, precisam buscar se atualizar com frequência, ouvir e ponderar o que os alunos e pais têm a dizer. Essa rede de fortalecimento proporciona um futuro promissor e mais preparado para lidar com as mudanças sociais, como as da hipermodernidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato é que, como aponta Moreira (2016), as dinâmicas de exclusão, as tensões sociais e os movimentos de confronto emergem das relações de poder, o que significa que o mercado capitalista pode vir a ganhar ou perder com as possíveis redefinições. Adequar mudanças nas aulas de Língua portuguesa e Literaturas significa empoderar discentes a lutar contra o sistema e contra determinados grupos que lucram com o analfabetismo, a falta de senso crítico e a ignorância da população, principalmente dos jovens, que são mais flexíveis, influenciáveis e causam mais comoções públicas quando se unem em prol de seus direitos. Esse processo acopla a contestação de dizeres, palavras, pensamentos, discursos e comportamentos machistas, misóginos, homofóbicos, racistas, sexistas e capacitistas, que foram fortalecidos ao longo de séculos por meio da linguagem, da literatura, das aulas de português, dos textos literários e do cânone extremamente excludente.

As lacunas no campo linguístico-literário só serão preenchidas com a ampliação do grau reflexivo dos docentes, para que eles corram contra o tempo, estudem seus alunos e os seus contextos sociais e pratiquem a inovação. Isso deve ocorrer em conjunto com a população, pressionando os órgãos públicos e os políticos responsáveis, para que viabilizem uma educação consistente, digna e com materiais atualizado. Os alunos podem e devem participar diretamente deste enfrentamento, e o ensino de Língua Portuguesa pode e deve ser usado como instrumento de crítica às estruturas hegemônicas e de promoção da justiça social, provocando reflexões para que os discentes se percebam, discutam a sua realidade, entendam o poder linguístico. Assim, as aulas de Língua Portuguesa e Literaturas não se limitarão apenas às escolas literárias e a gramática, como era antigamente, mas integrarão as múltiplas linguagens, vivências, saberes, tons discursivos, tessituras literárias, promovendo aprendizagens que reconheçam a complexidade e a diversidade dos contextos sociais.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobreazul,2011.

CRUZ, M.F.B. Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto; 1967.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 7-37.

FREIRE. P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

FREIRE. P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários prática educativa. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2008.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11° Ed. Rio de Janeiro:DP&A,2006.

LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. São: Barcarolla, 2004.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento; 2017.

SANTOS, O. M. A luta desarmada dos subalternos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. Disponível em: http://books.scielo.org/id/dty2b/pdf/santos9788542302905.pdf.